

Não te esqueças de viver!

com Maria Filomena Molder

Fotografia de Jorge Molder da série
O suave fazer de preto e branco. 1962/85



8 de fevereiro

“Ó cousas tão vãs, tão mudaves,
Qual é tal coração qu’em vós confia?”

15 de fevereiro

“Primeiro: continuar. Segundo:
começar”.

22 de fevereiro

“Caminha melhor quem menos coisas
transporta”

29 de fevereiro

“Não te esqueças de viver!”

Não te esqueças de viver é o título da última obra (2008) de Pierre Hadot. O seu subtítulo – *Goethe e a tradição dos exercícios espirituais* – servirá de guia a estas quatro conferências. Cada uma delas pretende ser o desenvolvimento de alguns exercícios espirituais, inscrevendo-se na tradição referida por Hadot, mas também acrescentando variantes ou mesmo novos exercícios.

No seu ensaio *Da Fisionomia*, Montaigne comenta a frase de Cícero: *a vida inteira dos filósofos é um estudo da morte*, nestes termos: «Mas sou da opinião de que [a morte] é o fim, mas não a finalidade da vida; é o seu fim, a sua extremidade, não porém o seu objecto. A vida deve ser para si mesma o seu objectivo, o seu desígnio [...]».

Aqui, estamos na última página do texto “Mors certa hora incerta”, capítulo da derradeira obra de Fernando Gil, *Acentos* (2005), na qual, contrariando as evidências da racionalidade moderna, a contingência da vida humana com o seu cortejo de incertezas, a vida irrepetível, é celebrada pela atenção a formas decisivas do agir humano, como sejam, crer e confiar, traçando o movimento que vai de se perceber agarrado à vida até à aceitação da vida, que inclui a experiência da saudade daquilo que é perecível, na qual culmina a aceitação.

Esse movimento é uma forma de heroísmo que surpreendemos nos autores que nos vão ocupar, Fernando Gil e Pierre Hadot/Goethe, a que se associam Alain, Nietzsche, Wittgenstein, Emerson, Montaigne. Sá de Miranda, Joaquim Manuel Magalhães e Agustina providenciam as fontes poéticas.

“Não te esqueças de viver!”

Entre os Gregos – de Antífonte a Píndaro –, aqueles que não vivem a vida presente, preparando-se com muito esforço para viver uma outra vida, são da raça daquele que despreza o que há à sua volta, ansiando pelo mais longínquo. “Não te esqueças de viver” – título geral desta série de conferências e, ao mesmo tempo, título desta última – é a injunção que procura evitar aquele desperdício assente em vãs esperanças.

Chegou o momento de nos demormos na obra de Pierre Hadot, onde esse título foi encontrado. Primeiro, a dedicatória: “Ao meu neto, Adrien Pagano. Em testemunho de reconhecimento por tudo aquilo que me trouxe”. Pressentimento da morte e tributo da velhice à vida que já está muito adiante. Segundo, o subtítulo *Goethe e a tradição dos exercícios espirituais*: fonte de entendimento de toda a obra. Agora que o filósofo se está a despedir da vida, regressa

ao poeta por quem sempre se interessou e reúne os despojos – artigos dispersos – de felicidade, a deusa das pessoas vivas, como Goethe lhe chama.

É assim que *N’oublie pas de vivre* se torna ao mesmo tempo num testamento e numa preparação para a morte. Este lugar comum da filosofia terá de ser esclarecido.

Recomeçemos, à pergunta de S. Agostinho: “pode o homem ser feliz e mortal?” responde Clarice Lispector: “amar a vida mortal, isso é a felicidade”. Na tensão criada por esta pergunta e por esta resposta inscrevem-se os exercícios espirituais encontrados por Pierre Hadot em Goethe, prolongados em Nietzsche e confirmados nos filósofos gregos e latinos, em particular, estóicos e epicuristas. Também aí se inscrevem aqueles exercícios que ao longo destas conferências foram surpreendidos – às vezes em colapso –, acrescentando-se ainda outros que estavam por falar. Dedicaremos a nossa atenção a alguns minutos de *Vidros partidos* de Víctor Erice. Serão lembrados todos os autores lidos e mencionados.

Maria Filomena Molder escreve de acordo com a antiga ortografia.

Maria Filomena Molder é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Leitor de Baudelaire*, Relógio d’Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d’Água, 2014.

SEGUNDAS-FEIRAS 8, 15, 22 E 29 DE FEVEREIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO